

Apresentação**A História e a Crise Ambiental Contemporânea:
degradação e esperança****History and the Contemporary Environmental
Crisis: degradation and hope***Alfredo Ricardo Silva Lopes¹**Mario Martins Viana Júnior²**Elisa Botella-Rodríguez³*

¹ Doutor em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Educação do Campo da Universidade Federal do Santa Catarina (UFSC). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHistória-UFSC). Membro do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA-UFSC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7153913778520994>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2884-1701>. Email: alfredo.lopes@ufsc.br

² Doutor em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Universidade Federal do Ceará (UFC). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0484147709183592>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5957-7021>. E-mail: mario_ufc@hotmail.com

³ Doutora em Economia e História Econômica, pela Universidade de Salamanca. Professora Titular Departamento de Economia e História Econômica e Instituto de Iberoamérica Universidade de Salamanca. Integrante do Unidad de Estudios de Historia de la Industria y Los Sistemas de Ciencia y Tecnología (HISCYT). Currículo: <https://produccioncientifica.usal.es/investigadores/57202/detalle>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9604-4822>. E-mail: ebotella@usal.es

A escrita da História na sua relação com a natureza tem se transformado constantemente. Com o surgimento da História Ambiental na década de 1970, uma nova premissa epistemológica passou a direcionar as representações do que convencionou-se chamar de natureza. Uma perspectiva fatalista emergiu com força na maioria dos trabalhos, neste primeiro momento de produção, em virtude da percepção da finitude dos chamados recursos naturais, as narrativas caminharam até mesmo para uma dimensão apocalíptica. Hegemonicamente no Brasil e no mundo, as pesquisas de História Ambiental da primeira leva focaram seus olhares nos impactos negativos da interação humana com o ambiente.

Com o amadurecimento das discussões ambientais ao longo dos últimos 50 anos, percebeu-se que, apesar do *Homo sapiens* ser compreendido como a primeira espécie capaz de alterar negativamente as dinâmicas bio-geo-físicas do planeta, também é uma espécie que consegue aumentar a biodiversidade e diminuir impactos e degradações preexistentes. A demanda por uma narrativa histórica que fosse além do declinismo incentivou esse olhar historiográfico pautado na esperança. Práticas regenerativas, agência de populações vulnerabilizadas e novas perspectivas para contrapor as matizes do desenvolvimento emergiram nessa escrita da história comprometida em adiar o fim do mundo.

O presente dossiê buscou reunir trabalhos que destaquem os lugares que a História, enquanto disciplina, pode e deve ocupar na discussão sobre a crise ambiental contemporânea. Desta forma, defende-se que o dossiê fosse um espaço aberto para diferentes perspectivas vinculadas ou não à História Ambiental. O caráter degradador da ação humana na atualidade é incontestável, como também são as experiências humanas produtoras de diferentes estratégias para mitigar ou reverter os impactos dessa crise ambiental. Por isso, optou-se por receber trabalhos teóricos e estudos de caso que abordassem tal dinâmica de

interação. O que foi observado nos trabalhos submetidos ao dossiê é a intrínseca relação entre a interdisciplinaridade e a escrita da História preocupada com a questão ambiental.

O trabalho que abre o dossiê é intitulado *“Por um fazer histórico simpoiético: contribuições da história ambiental”* de autoria de Fadé Campolina Fada. O texto traz uma reflexão acerca dos estudos históricos da era do Antropoceno, propondo um fazer histórico simpoiético, isto é, que seja orientado para o caráter relacional da História. Fada apresenta uma profunda discussão sobre o debate conceitual que marca os estudos ambientais e, com base no conceito de sistemas simpoiéticos de Donna Haraway, evidencia possibilidades para um conhecimento histórico plural, inclusivo e comprometido com as transformações planetárias.

O artigo de Esther Mayara Zamboni Rossi recebe o título de *“O problema do lixo e a História Ambiental Urbana: Políticas Públicas para Resíduos Sólidos em Porto Alegre/RS (séculos XIX e XX)”*. O estudo apresentado pela historiadora explora a relação entre a urbanização, o manejo de resíduos e a transformação do ambiente urbano em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. O contexto histórico, entre os séculos XIX e XX, serve para avaliar o impacto do ideal republicano, da expansão industrial na gestão de lixo e o planejamento urbano, destacando uma fragmentação espacial, marca indelével da desigualdade social e segregação.

“Entre Passado, Presente e Futuro: A Representação do Campesinato Negro no Fotojornalismo da Revista Globo Rural (2005–2010)” é o artigo de Denis Henrique Fiuza e Samira Perucchi Moretto. Neste trabalho os autores analisam como o campesinato negro foi representado na revista brasileira *Globo Rural*. A análise repousa sobre a sessão *“Ensaio”* da revista que se autodenominava porta-voz do agronegócio e, portanto, retratava pejorativamente camponeses pobres, geralmente de origem africana e indígena. A intenção dos autores é de compreender a *Globo Rural* como “condutora de condutas”, refletindo de que

forma as ideias e percepções que circulavam no periódico atuavam como agentes ecológicos.

O artigo de Acácio Garcez Carneiro, com o título *“Pobre de Plantar a Própria Comida: a agricultura em uma comunidade quilombola da serra gaúcha (Muitos Capões/RS)”* reflete sobre os diversos significados do trabalho agrícola na comunidade remanescente de quilombo Mato Grande. Nesse contexto, as transformações ambientais e econômicas promovidas pela Revolução Verde são compreendidas como positivas pelos trabalhadores, pois marcam a diferença entre um passado de pobreza para um presente vinculado ao mercado capitalista, mesmo que alguns elementos desse passado, como a qualidade dos alimentos, contraste com o atual panorama.

Duas notas de pesquisa foram submetidas ao dossiê, tais notas são fruto de trabalhos de iniciação científica de graduandas. A esperança emerge em ambos os trabalhos que integram a tanto a teoria agroecológica para compreensão de processos históricos, quanto sua prática. Na primeira pesquisa Maria do Carmo Silva e Patrícia Falco Genovez apresentam a pesquisa *“Vivências ancestrais em áreas degradadas: atuação do Quilombo Ilha Funda no Médio Rio Doce”*, em que analisam as práticas integrativas de regeneração ambiental da comunidade quilombola. Já na segunda nota de pesquisa, intitulada *“Teoria Agroecológica aplicada ao Ensino de História na Era do Antropoceno”*, Isadora Santos Arrais e Alfredo Ricardo Silva Lopes discutem as possíveis relações entre o Ensino de História e a Teoria Agroecológica. Os autores defendem a utilização da teoria agroecológica para alargar a compreensão do tempo histórico.

Tenham todas e todos uma boa leitura!

Florianópolis, Ceará e Salamanca, verão de 2025.